PUBLICIDADE

Quem é a percussionista que é uma instituição dentro da Osesp, onde está há 50 anos

Timpanista Elizabeth Del Grande ensaia uma peça especialmente composta para comemorar meio século de atuação na orquestra

Por Adriana Abujamra — Para o Valor, de São Paulo

03/11/2023 05h04 · Atualizado há 3 dias

"Não quero me perpetuar, mas é difícil pensar em me aposentar", diz Elizabeth Del Grande — Foto: Gabriel Reis/Valor

Contando os dias para a celebração de seus 50 anos de atuação na Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (Osesp), quando tocará uma peça composta especialmente para a efeméride, a timpanista Elizabeth Del Grande anda com frio na barriga. "Vou pedir para a minha médica homeopata me dar algo para baixar a bola", brinca. Ela apresentará a peça, intitulada "A Hora das Coisas", entre 9 e 11 de novembro na Sala São Paulo.

Os músicos costumam ver a presença de Del Grande na sinfônica como um alento, principalmente quando têm que tocar peças complexas, como "A Sagração da Primavera", de Igor Stravinsky. "O tímpano é muito sofisticado e define o sucesso ou o fracasso de uma apresentação. Se entra na hora errada, acabou o concerto. Além disso, ele serve de base para o restante da orquestra", diz Arthur Nestrovski, que foi diretor artístico da Osesp até recentemente.

Leia também:

Investidores não estão 'comprando' o novo iPhone da Apple

Moraes pede destaque de ação relacionada aos atos golpistas, e caso vai para julgamento presencial

A timpanista poderia ter escolhido uma obra já conhecida de seu repertório, mas preferiu se aventurar com uma estreia, ousadia ressaltada por Nestrovski: "A Betinha mantém o espírito aberto e

curioso, disposta a aprender uma peça nova, o que é um desafio. Ela sempre teve esse papel de incentivar a música feita no nosso tempo".

A obra composta para Del Grande por Paulo Chagas, brasileiro radicado na Califórnia, tem variações constantes e requer cinco tímpanos e orquestra. "Eu brinco: 'Paulo, você vai matar a velhinha'", diz a timpanista, com o mesmo vigor e vibração da estreia.

Elizabeth Del Grande no Festival de Campos do Jordão, no fim dos anos 1970 — Foto: Divulgação

Aos 10 anos de idade, vestida com calça de veludo, camisa branca e suspensório para emular a cantora e atriz italiana Rita Pavone, da canção "Datemi un Martello", a menina apareceu no teatro Paramount. O lugar, que ficou conhecido como o Templo da Bossa, recebia novos talentos e nomes já consagrados, como Elis Regina e Tom Jobim. A minúscula Del Grande, que observava tudo da coxia, tomou um susto ao ser empurrada para o palco escuro. Quando os holofotes a iluminaram, caminhou até a bateria e pegou as baquetas. Praticamente escondida atrás do tambores e pratos, se pôs a tocar.

Sua história com a música tinha começado aos 5 anos, com um tamborzinho. Do brinquedo, passou a batucar nas cúpulas de abajur de casa. De tanto insistir, convenceu seu pai a lhe comprar uma bateria de verdade. Ele foi sozinho até a loja, pois queria fazer surpresa para a filha. O vendedor, dando de barato que bateria era prerrogativa dos homens, o aconselhou. "Se o menino tiver talento, o senhor volta para comprar uma semiprofissional." Ao abrir o embrulho, Del Grande saiu desembestada pelas ruas gritando de alegria.

Como sua família não tinha telefone, recorria ao aparelho da vizinha, uma costureira. Numa dessas vezes, Del Grande deu de cara com a cantora Ivete Zane, que estava lá provando roupa. Aproveitou o ensejo e puxou a cantora até sua casa para tocar para ela. Colocou o disco do Zimbo Trio, quase furado de tanto ouvir, e acompanhou o som com suas baquetas. Impressionada, Zane a levou até Walter Silva, responsável pela escalação dos artistas para os eventos no Paramount. Ao constatar o talento da menina, Silva a convocou para o show que ocorreria dois dias depois.

Por isso ela estava ali, estreando ao lado de um contrabaixista e do pianista Amilson Godoy, irmão de um dos músicos do grupo instrumental que tanto tocava na sua vitrola. A plateia aplaudia, assobiava e gritava. "Ritinha! Ritinha!" Mas a miniatura da italiana mal pôde desfrutar do sucesso. Acabada a apresentação, foi levada embora às pressas, antes que algum fiscal aparecesse.

A “menina da bateria”, como ficou conhecida, passou a se vestir com smoking branco e gravata, a estampar matérias em jornais e revistas e a participar de festivais e programas de televisão. Como não tinha um grupo próprio, dependia de que os bateristas cedessem seu lugar para que ela pudesse tocar.

Assim seguiu, até os 13 anos, conciliando a música e a escola, até o dia em que, depois de passar horas e horas esperando, foi dispensada sem ter tido a chance de se apresentar. O pai, indignado com o pouco caso feito à filha, deixou de levá-la àqueles eventos e decidiu investir para que ela tivesse uma formação musical mais sólida. Na falta de uma escola de bateria, matriculou-a no piano.

Num sábado, uma tia avisou que o apresentador de televisão estava falando da Betinha e todo mundo correu para ligar o aparelho. O sujeito queria descobrir seu paradeiro e convidá-la para participar de um duelo musical com a banda que o acompanhava ao vivo. Tanto insistiram que ela foi. Após a exibição, o percussionista do programa, Ernesto Del Lucca, sugeriu que Del Grande se inscrevesse num concurso para jovens na Escola Municipal de Música de São Paulo. Seu pai desconversou: “Imagine, minha filha não tem preparo técnico para tocar em uma orquestra”. O outro não desistiu. No terceiro encontro, ao ouvir a mesma ladainha, foi mais enérgico. Pegou-a pela mão e a levou até o Theatro Municipal, onde eram feitas as inscrições.

“Eu não conhecia tímpano, xilofone, só a caixa por causa da bateria. Não sei o que fiz, mas passei”, lembra Del Grande. No ano seguinte, 1969, foi criada a Escola Municipal de Música, onde ela pôde aprimorar a técnica e depois se tornar professora, atividade que exerce até hoje. Em 1973 foram abertos testes para a Osesp, que passava por uma reestruturação conduzida pelo maestro Eleazar de Carvalho.

“Comecei como office girl, a última do naipe. Só cheguei a timpanista nos anos 1980 e desde então, lá estou. Brinco com meus alunos: ‘Aproveitem porque sou a história viva da Osesp’.” Ela foi a primeira mulher a fazer parte de uma orquestra no Brasil e também pioneira na percussão.

Permanecer em uma orquestra por tanto tempo é algo raro em qualquer lugar do mundo, explica Marcelo Lopes, diretor-executivo da Fundação Osesp desde sua criação, em 2005. “A Beth é inseparável da Osesp, é a instituição dentro da instituição. A música clássica sempre foi muito masculina. A Filarmônica de Viena, por exemplo, não permitia mulheres até 20 anos atrás, que dirá na percussão. A Beth é referência histórica, como a primeira mulher e como timpanista.”

A origem dos tímpanos remonta aos tambores usados em pares nas cavalarias, em conjunto com os trompetes, para se comunicar com a tropa e intimidar os inimigos. Com o tempo, eles evoluíram e se tornaram cada vez mais complexos. O tímpano é um instrumento melódico e tem um naipe próprio na orquestra. A definição do som é precisa e as notas são afinadas pelos pedais e manivelas durante a performance, o que demanda extrema competência.

No ano que vem, a Osesp e Del Grande completam sete décadas, em harmonia e movimento. “Não quero me perpetuar, mas é difícil pensar em me aposentar, ainda mais depois que perdi minha mãe e minha irmã e fiquei sozinha. Se não houvesse a orquestra, acho que eu teria pirado. Gosto muito do que faço e me sinto capaz.” O momento de parar ainda não consta da sua partitura.

Mais recente

Próxima

Agora o Valor Econômico está no WhatsApp!
Siga nosso canal e receba as notícias mais importantes do dia! CONHECER

Conteúdo Publicitário

Links patrocinados por taboola

LINK PATROCINADO